

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E**  
**ANÁLISE EXISTENCIAL**

**BRUNA KELLY PERILLO**

**A ESCUTA COMO POSSIBILIDADE DE RESGATE DO SER:**  
**um olhar fenomenológico-existencial.**

**BELO HORIZONTE**  
**2025**

BRUNA KELLY PERILLO

**A ESCUTA COMO POSSIBILIDADE DE RESGATE DO SER:  
um olhar fenomenológico-existencial.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica. Orientadora: Prof. Saleth Salles Horta.

BELO HORIZONTE  
2025

150 Perillo, Bruna Kelly.  
P444e A escuta como possibilidade de resgate do ser: [recurso  
2025 eletrônico] : um olhar fenomenológico-existencial. / Bruna Kelly  
Perillo. - 2025.  
1 recurso online (37 f. ): pdf.  
Orientadora: Saleth Salles Horta.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em  
Psicologia Clínica: Gestalt Terapia e Análise Existencial -  
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e  
Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Escuta (Psicologia) . 2.Psicologia clínica. 3. Existencialismo.  
4 .Humanização. I. Horta, Saleth Salles . II. Universidade Federal  
de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

A ESCUTA COMO POSSIBILIDADE DE RESGATE DO SER: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

**BRUNA KELLY PERILLO**

monografia defendida e aprovada, no dia **sete de junho de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Saleth Sales Horta - Orientadora

FAFICH/UFMG

José Paulo Giovanetti

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 02 de julho de 2025.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista  
Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**, **Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 03/07/2025, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4343945** e o código CRC **907E3E48**.

*A todos os encontros que fizeram da escuta um  
caminho para confirmação da existência*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Saleth Salles Horta, por provocar e ancorar a busca na potência da escuta. Sua escuta atenta e instigante foi farol e abrigo ao longo desta travessia.

Às minhas filhas, Letícia e Duda, cuja existência me convida, diariamente, a escutar com mais profundidade e amor.

Ao meu pai, que sempre foi espaço seguro de escuta — silenciosa, generosa e inteira.

À Mônica Alvim, por escutar com a alma e por ser, em minha vida, mais do que uma referência intelectual: uma presença amorosa e maternal, que inspira o escutar da existência.

Ao Otávio, pela escuta amorosa, presença que acolhe e provoca o aprimorar da minha escuta.

A Cláudia Lins, por um longo trajeto, em diversos formatos, mas sempre em presença e escuta.

À equipe docente da UFMG e aos coordenadores desta pós-graduação, por oferecerem um espaço que acolhe a complexidade do humano com rigor e sensibilidade.

Aos colegas que compartilharam esse caminho, por cada partilha, por cada escuta que se fez encontro e aprendizado. Nessa convivência, aprendi novos modos de escutar o outro e a mim mesma.

Aos meus clientes, que me permitem escutar o humano em sua potência e fragilidade. São eles que renovam, a cada sessão, o sentido do que faço sou.

A Lika, minha terapeuta, por sustentar com sensibilidade e firmeza, os desvios e os retornos do meu caminho — sua escuta foi solo fértil para esta escrita e para tantos recomeços.

## **O ENCONTRO TERAPÊUTICO**

No encontro, me encontro

Na sua presença, presente,

Escutada, acolhida, me desvelo

No cuidado que vela,

Novo significado se revela, flui

No amor, que emerge do espaço dado,

Aconteço... e nessa acontecência,

Em essência, me conheço,

Existo, em fala, corpo e alma!

Ressignificada, sigo minha jornada!

VIVA!

Obs: que bom saber que posso voltar, se precisar!

Bruna Perillo

## RESUMO

Esta monografia propõe uma reflexão sobre a escuta como experiência clínica e como possibilidade de resgate do ser, a partir da abordagem fenomenológico-existencial. A pesquisa foi conduzida por um percurso teórico-reflexivo e hermenêutico, sustentado por autores como Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Buber, AmatuZZi, Alvim, Horta, Cardoso e Byung-Chul Han. A investigação parte da compreensão da escuta como gesto de presença, abertura e sustentação do vir-a-ser do outro, especialmente no contexto contemporâneo, marcado pelo esvaziamento das relações e pela expulsão do outro. Na clínica fenomenológica, escutar não é apenas ouvir, mas tornar-se espaço para o outro. A escuta, compreendida como acontecimento ético e relacional, constitui um modo de estar no mundo com cuidado, oferecendo ao outro a possibilidade de ser, de se reconhecer e de se transformar. Mais do que técnica, a escuta é aqui abordada como uma atitude existencial que convoca o psicoterapeuta a ser espaço para o aparecer do outro.

**Palavras-chave:** escuta; clínica fenomenológica; existência; intersubjetividade; humanização.

## ABSTRACT

This monograph proposes a reflection on listening as a clinical experience and as a possibility for the rescue of being, from the phenomenological-existential approach. The research follows a theoretical-reflective and hermeneutic path, supported by authors such as Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Buber, AmatuZZi, Alvim, Horta, Cardoso, and Byung-Chul Han. It begins with the understanding of listening as a gesture of presence, openness, and support for the becoming of the other, especially in the contemporary context marked by relational emptiness and the expulsion of the other. In phenomenological clinical practice, listening is not merely hearing, but becoming space for the other. Listening, understood as an ethical and relational event, constitutes a way of being-in-the-world with care, offering the other the possibility to be, to recognize themselves, and to transform. More than a technique, listening is addressed here as an existential attitude that calls the psychotherapist to be a space for the emergence of the other.

**Keywords:** listening; phenomenological clinical practice; existence; intersubjectivity; humanization.

Sumário

INTRODUÇÃO .....	11
1 GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL .....	14
1.1 O Projeto Fenomenológico de Edmund Husserl .....	14
1.2 A virada ontológica em Heidegger: da consciência ao ser-no-mundo .....	18
1.3 Fenomenologia Existencial: O Ser em relação .....	19
2 A EXPULSÃO DO OUTRO E A ESCUTA COMO POSSIBILIDADE .....	24
2.1 A Expulsão do Outro: A Crise da Relação .....	24
2.2 A escuta como resposta ética e humanizadora .....	25
3 A ESCUTA FENOMENOLÓGICA NA CLÍNICA: SER PARA O RESGATE DO SER .....	29
3.1 A escuta como desvelamento do ser .....	29
3.2 A escuta fenomenológica na psicoterapia: Ser para o outro Ser .....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
REFERÊNCIAS .....	37

## INTRODUÇÃO

Escutar sempre foi, para mim, um espaço saboroso, uma inquietação vital. Desde a infância, fui a criança que falava pouco e observava muito. Muitas vezes escutava até mais do que deveria. Na adolescência, ficou mais forte o gosto e o cuidado com a escuta, e de relações que até hoje se sustentam, muitos segredos foram apenas escutados e respeitados como palavras sagradas do outro, das quais nunca me atrevi a desconsiderar. Aí jovem adulta, veio a oportunidade de cursar uma faculdade, pedagogia era uma opção, mas não me achava, naquela época, potente para lecionar, e ao questionar o que eu achava que sabia fazer, respondi: Eu sei escutar! Assim a psicologia surge em minha história, com o desejo de aprimorar essa habilidade e dela fazer o meu ofício.

Já no início da minha trajetória clínica, a escuta se apresentou como um gesto que sustenta a relação, mas também como um enigma: o que realmente significa escutar o outro? Essa pergunta me acompanhou por muitos anos, atravessando minha prática como psicóloga, e foi ganhando corpo também fora da clínica, em oficinas, cursos e experiências formativas que facilito para pessoas de diversas áreas, desde 2016, através do projeto Escutatória.

Inspirada na provocação poética de Rubem Alves — “há muitos cursos de oratória, mas nenhum de escutatória”, essa jornada me mostrou que escutar é uma habilidade que pode ser cultivada, e mais que isso: é uma atitude transformadora. Transformadora das relações, dos vínculos, da forma como habitamos o mundo e somos tocados por ele. Escutar, como compreendi ao longo dessa caminhada, é um ato humanizador. Talvez um dos mais urgentes em tempos de hiperconexão e desumanização crescente.

No exercer da psicologia, inúmeras vezes também fui indagada com a seguinte questão: Mas você “só” escuta? Cada vez que essa pergunta surge, devolvo com outra pergunta: E tem algo mais potente e preciosos do que um espaço para ser só escutado? Mas como ser na clínica, para proporcionar esse espaço de escuta de fato propiciador do desvelar do ser? Será preciso saber?

A escuta, na perspectiva existencial-fenomenológica, como descreve Horta (2024, p. 148), “não é estar ativo, nem passivo, mas em posicionamento; todos os seus sentidos estarão voltados para o ser que se mostra, como mistério a ser revelado.” Escutar é tornar-se espaço para que o outro possa se dar a conhecer. É nessa qualidade de presença que, muitas vezes, o cliente se reconhece e se transforma.

Durante a pandemia, experienciei um desses momentos em que a escuta se revelou em sua potência mais visceral. Um jovem cliente, em meio a um processo de profunda solidão, me disse: “Quando você me escuta, eu existo.” Suas palavras me atravessaram como uma revelação clínica e existencial. Desde então, compreendi com ainda mais clareza que escutar não é apenas acolher palavras, é sustentar o vir-a-ser do outro.

Partindo desse percurso pessoal e profissional, esta monografia tem como proposta investigar a escuta como experiência clínica e como possibilidade de resgate do ser. Apoiada no referencial fenomenológico-existencial, busca-se compreender como o gesto de escutar, na clínica, pode favorecer a emergência do sentido, da autenticidade e da presença. Especialmente em um mundo que vem se apresentando empobrecido no campo relacional, muitos likes, curtidas e seguidores, mas poucos olhos nos olhos, acolhimentos, trocas de segredos e cafés recheados de prosas. Como nos alerta Byung-Chul Han, vivemos a era da expulsão do outro.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, apresenta-se a gênese da fenomenologia em Husserl e sua ampliação no pensamento de Heidegger, Merleau-Ponty e Buber, evidenciando o deslocamento da consciência para o ser-em-relação. O segundo capítulo discute a crise das relações na contemporaneidade, com base em autores como Han, e introduz a escuta como um gesto ético-político. Por fim, o terceiro capítulo aborda a escuta na clínica fenomenológica como um campo de presença e abertura, explorando como o psicoterapeuta pode sustentar o espaço onde o ser do outro possa se expressar.

Mais do que responder perguntas, este trabalho é um movimento de aproximação. Um gesto de pergunta. Uma escuta - para dentro e para fora. Uma travessia entre o silêncio e a palavra.

Como objetivo, busca-se investigar o sentido da escuta como prática humanizadora no contexto da clínica psicológica, à luz da abordagem fenomenológico-existencial, compreendendo como o gesto de escutar pode sustentar o vir-a-ser do cliente e favorecer a emergência do ser na relação terapêutica.

Mais especificamente, compreender a gênese da fenomenologia em Husserl e seus desdobramentos na ontologia existencial proposta por Heidegger, Merleau-Ponty e Buber, com ênfase na relação e na intersubjetividade. Refletir sobre a crise das relações humanas na contemporaneidade e suas implicações para o esvaziamento de si e o impacto disso no desenvolver da habilidade da escuta, com base nas análises de Byung-Chul Han.

Por fim, discutir a escuta clínica fenomenológica, como um gesto de presença, abertura e acolhimento do ser, a partir de autores como AmatuZZi, Horta, Alvim, Cardoso e Botelho. Articulando-a como acontecimento clínico que possibilita a emergência da fala, da expressão e da autenticidade do cliente, em sua singularidade e estilo de ser.

Metodologicamente, este trabalho configura-se como uma investigação teórico-reflexiva de base qualitativa e hermenêutica, fundamentada na perspectiva fenomenológico-existencial. A metodologia adotada consiste em um percurso de leitura e articulação conceitual entre autores da fenomenologia (Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty), da psicologia clínica, (AmatuZZi, Cardoso, Alvim, Horta), da filosofia do diálogo (Buber) e do pensamento contemporâneo (Han).

Trata-se, portanto, de um exercício de compreensão, mais do que de explicação, que busca apreender os sentidos da escuta na clínica como um acontecimento relacional e ético, capaz de promover o resgate do ser e a criação de novos modos de ser-no-mundo.

# 1 GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

## 1.1 O Projeto Fenomenológico de Edmund Husserl

Edmund Husserl (1859-1938), filósofo e matemático alemão, é reconhecido como o fundador da fenomenologia, uma corrente filosófica que surge na Alemanha no final do século XIX e início do século XX e se constitui como um método de pensar, aprender e investigar o ser e o mundo, “pretendendo estabelecer o fundamento radical da Filosofia, bem como a base primordial de todo o saber humano”.(Augras, 1986, p.15) Inicialmente influenciado pelo pensamento de Franz Brentano, um filósofo e psicólogo alemão, que lecionava na Universidade de Viena, Husserl, dedica-se a pensar a teoria do conhecimento humano e a filosofia da ciência.

A influência de Brentano foi decisiva para que Husserl identificasse os limites das ciências humanas, sobretudo quanto à tendência de adotarem, de forma acrítica, os métodos das ciências empíricas ou naturais. Essa apropriação indevida desconsidera a especificidade dos fenômenos próprios da experiência humana e da subjetividade. O problema central, segundo Husserl, não reside na rejeição dos avanços obtidos pelas ciências experimentais, mas na ausência de uma delimitação precisa de seus objetos de estudo. Essa falta de clareza metodológica compromete a fundamentação epistemológica dessas disciplinas, uma vez que, ao aplicarem indiscriminadamente princípios do empirismo, deixam de considerar a especificidade dos fenômenos próprios da experiência humana e da subjetividade. (MARTINELLI, 2018)

Apesar de herdar de Brentano o pensamento sobre a intencionalidade, Husserl foi além, estabeleceu uma filosofia capaz de abranger e compreender os diversos processos de conhecimento, independentemente de estarem relacionados à filosofia, matemática ou psicologia. Com isso, revolucionou o pensamento das ciências humanas e da filosofia. Seu ponto de partida era o compromisso com uma ciência de rigor. (BELLO, 2017, REHFELD,2013).

Essa busca por fundamentos rigorosos se expressa também em Forghieri, quando afirma que:

Sua obra consiste, sobretudo, em problematizar o próprio conhecimento e na apresentação da Fenomenologia como o único método para chegar a verdades apodícticas, evidentes. Pretende, através deste, estabelecer o fundamento radical da Filosofia, bem como a base primordial de todo o saber humano. (Forguieri, 2002, p.14)

O advento da fenomenologia está intrinsecamente ligado às transformações intelectuais e culturais que marcaram a época. Um período caracterizado por uma forte confiança nos métodos empíricos e na objetividade científica, consolidada pelo positivismo de Auguste Comte que defende que o conhecimento legítimo deveria ser fundamentado na observação empírica e na experimentação, trazendo a complexidade da experiência humana a dados mensuráveis e verificáveis. No entanto, essa perspectiva desconsidera a dimensão subjetiva da existência. É em resposta a essa visão reducionista, que Husserl desenvolve uma fenomenologia como um método específico de investigação da experiência vivida. Para ele, a compreensão do humano não pode se limitar à análise empírica. (MARTINS, BOEMER e FERRAZ; 1990).

Conforme Amatuzzi (2009, p.96)

Quando a fenomenologia estuda a imaginação, a percepção, a linguagem, a relação inter-humana ou os estados perturbados da mente, por exemplo, ela está se voltando para os mesmos objetos que a psicologia também considera. Mas a psicologia positivista (a que se refere Husserl) faz isso a partir de um enfoque empírico, por meio de mensurações, separando sujeito e objeto. Já a fenomenologia considera esses objetos enquanto vivências cuja natureza quer elucidar (sem se ocupar diretamente com medidas ou relações quantitativas). Nesse sentido, a fenomenologia não é essa psicologia, mas uma reflexão sobre a realidade da qual ela também se ocupa. Fazendo isso, a fenomenologia está ao mesmo tempo manifestando os fundamentos dessa psicologia e refletindo sobre seus limites: constitui-se, pois, também como uma espécie de instância crítica da psicologia. (Amatuzzi,2009, p.96)

A palavra "fenomenologia" é de origem grega e composta por duas partes: "fenômeno", que se refere àquilo que se mostra, e "logia", derivada de "logos", significando pensamento ou reflexão. Assim, a fenomenologia é entendida como uma reflexão sobre aquilo que se mostra, que se manifesta à consciência, e como se mostra. (BELLO, 2017). “E o que é fenômeno? É aquilo que surge para uma consciência, o que se manifesta para essa consciência, como resultado de uma interrogação.” (Martins, Boemer e Ferraz; 1990, p.141). Conforme Bello, (2017, p.19), “Todas as coisas que se mostram a nós, tratamos como fenômenos, que conseguimos compreender o sentido.” Portanto o fenômeno se mostra, na relação. Não é algo fora, é algo integrado, demonstra que o sujeito está implicado na absorção do mundo, em uma integração entre consciência e objeto, que proporcionam sentido a experiência vivida, através da intencionalidade da consciência.

Segundo Rehfeld, (2013, p 28):

Consciência é muito mais do que apontavam até então a filosofia, a psicologia e principalmente o senso comum, que a viam como um lugar onde, de alguma maneira, se prende o conhecido. Husserl vê a consciência como uma síntese em fluxo que não tem nenhuma substancialidade, sendo mais uma dinâmica entre Sujeito e Objeto, onde todo ser recebe seu sentido e valor. Nada tem valor se não se apresentar como sentido,

e nessa relação entre Conhecedor e Objeto a ser conhecido uma série de formas de apreensão de mundo, que não somente a razão ou o pensamento, se oferece a nós- tais como intuição, sensibilidade e também como pré-reflexivo.

A consciência manifesta sempre uma intencionalidade, Ou seja, toda consciência é “consciência de”, não se dá de forma isolada. Embora o objeto tenha uma existência na realidade, sua presença para nós só se efetiva quando é percebido. Dessa forma, o objeto está sempre relacionado com uma consciência, assim como a consciência está sempre voltada para algo. Essa relação entre objeto e consciência é que constitui o fenômeno. (DARTIGUES, 2008).

A fenomenologia não está em busca da verdade, pois compreende que nunca haverá uma produção completamente verdadeira. Pois, toda produção humana está passível de interpretação, não existe neutralidade. A interrogação fenomenológica se dá em torno do sentido, da busca pela essência. “Todo esse pensar levou Husserl a definir a fenomenologia como ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos.” (Martins, Boemer e Ferraz; 1990, p.142). Sendo a consciência fonte de significados, o processo de conhecer nunca termina, é uma exploração constante do mundo.

Portanto nesta vertente, a preocupação é em descrever o fenômeno sem pressupostos teóricos ou relações causais, cuidando do rigor descritivo, descrevendo a experiência como ela acontece e se processa, pois assim é que se pode chegar a sua essência. Husserl, usa o termo “voltar as coisas mesmas” que significa que “para compreender o sentido a gente precisa fazer uma série de operações, pois nem sempre compreendemos tudo imediatamente.” (Bello, 2017, p.19)

Segundo Forguieri, “A redução é um recurso da Fenomenologia para chegar ao fenômeno como tal, ou a sua essência.” (Forguieri, 2002, p.15). Para que isso aconteça é necessária uma mudança de atitude, que Husserl descreve como da atitude natural para a fenomenológica.

Para Husserl, a atitude natural refere-se à maneira como percebemos o mundo, imaginando-se nele como as demais coisas. Nessa perspectiva, assumimos que tudo ao nosso redor – sejam materiais, valores, ideias, conceitos ou crenças – possui uma existência autônoma, independente da consciência que os apreende. Essa visão mantém a dicotomia entre sujeito e objeto, interior e exterior, sem questionar o papel da consciência na constituição da experiência. Assim, o mundo é feito como um dado imediato, acessível a todos de forma idêntica, sem a necessidade de reflexão sobre os processos que o tornam significativos. Essa abordagem

caracteriza-se predominantemente como ciências naturais, que operam sob a premissa de um mundo objetivo, existente independentemente da subjetividade humana. (CARDOSO, 2018).

Já a atitude fenomenológica é a atitude de questionar as verdades estabelecidas pelo conhecimento dado pela ciência tradicional e isso se dá através da redução fenomenológica, com a finalidade de deixar que a essência do fenômeno apareça. Focalizando o nosso olhar para aquilo que é mais originário: o encontro da consciência com o seu mundo, de onde nasce os significados, ou seja, a experiência subjetiva do indivíduo em relação a sua vivência.

Segundo Forguieri (2002, p.15):

A redução não é uma abstração relativamente ao mundo e ao sujeito, mas uma mudança de atitude - da natural para a fenomenológica que nos permite visualizá-los como fenômeno, ou como constituintes de uma totalidade, no seio da qual o mundo e o sujeito revelam-se, reciprocamente, como significações.

De acordo com Rehfeld (2013, p.29) “para que se faça realmente fenomenologia, é preciso suspender todo e qualquer posicionamento ontológico e toda “realidade empírica.” Assim tudo que for aparente, óbvio e preconcebido é colocado em questão.” Possibilitando captar aquilo que se apresenta na sua significação pura, imediata e verdadeira.

Para Forguieri (2007, p.91), “A fenomenologia não se constitui em um sistema filosófico e sim em um conjunto de proposições para um método de aprender, investigar e pensar o mundo, conforme é percebido pela consciência.”

Nos últimos anos de sua produção, mais precisamente em *A crise das ciências europeias* (1954), Husserl aprofunda a crítica à racionalidade instrumental das ciências modernas e propõe uma retomada da experiência originária, anterior às construções teóricas. É nesse contexto que introduz o conceito de *Lebenswelt*, ou “mundo vivido”, como fundamento de todo conhecimento e existência (MOREIRA, 2003). Trata-se da experiência imediata e pré-reflexiva que sustenta nossas formas de compreender o mundo.

Diferente da natureza objetivada pelas ciências, o mundo vivido é relacional: ele se revela antes de qualquer elaboração conceitual e constitui o solo onde nascem nossos pensamentos, afetos e sentidos. De acordo com Bello (2017), esse mundo é “a base da experiência na qual se apoiam todas as atividades do homem, inclusive as ciências” (p. 20).

Desse modo, o projeto fenomenológico se expande. Já não se trata apenas de descrever a consciência intencional, mas de recuperar o sentido do existir humano tal como ele se manifesta em sua situação no mundo (SCHURIG; ROCHA, 2019). Essa ampliação prepara o

caminho para a virada ontológica proposta por Heidegger, onde a existência deixa de ser pensada a partir da consciência, para ser compreendida em sua totalidade encarnada e situada

## 1.2 A virada ontológica em Heidegger: da consciência ao ser-no-mundo

A travessia da fenomenologia de Husserl à ontologia existencial proposta por Heidegger não configura uma ruptura, mas uma dobra no caminho. Discípulo atento e inquieto, ele promove um deslocamento radical no projeto fenomenológico de Husserl. Enquanto este buscava uma “ciência rigorosa” da consciência intencional, Heidegger questiona a primazia da consciência, deslocando a pergunta filosófica fundamental do “como conhecemos?” (epistemologia) para o “o que significa ser?” (ontologia). Como afirma Lima, “com a chegada da Fenomenologia existencial, o homem é visto na realidade de sua existência (...), deixando de ser algo que existe por si só. Já não é a consciência do homem que constitui o mundo, mas é o homem e o mundo, numa dialética, que se constituem um ao outro”. (Lima, 2008, p. 31).

A tradição metafísica, pergunta pelo ente em referência ao seu ser, Heidegger propõe uma questão ontológica mais radical: “a pergunta não é mais pelo ente como tal, mas pelo ser como tal, pelo sentido do ser em geral, pela manifestação [*Offenbarkeit*] do ser possível” (HEIDEGGER, 1988, p. 158). Com isso, inaugura uma ontologia fundamental que descreve as estruturas constitutivas do existir humano, chamadas de existenciais, como temporalidade, compreensão, ser-com, corporeidade, entre outras.

O ser-aí (*Dasein*) não é um sujeito isolado no mundo. Pelo contrário, sua existência é definida por sua abertura. Heidegger afirma: “o ser da pre-sença diz preceder a si mesma por já ser em (no mundo) como ser junto a (os entes que vêm ao encontro dentro do mundo)” (HEIDEGGER, 1988, p. 257). O “aí” (*Da*) do ser-aí remete à clareira: o espaço de abertura onde o mundo se deixa manifestar. O *Dasein* não tem como qualidade estar aberto — ele é abertura.

Ao rejeitar a ideia de uma consciência transcendental desconectada da realidade, Heidegger propõe que o ser-aí está sempre já implicado no mundo, envolvido pragmaticamente com os entes em uma relação de cuidado (*Sorge*). Essa é a primeira grande virada: da consciência pura para o ser-no-mundo.

Ser é sempre ser-no-mundo. Trata-se de um traço fundamental do ser humano, que se apresenta como unidade, ainda que essa unidade se expresse sob múltiplos aspectos (CARDINALI, 2015, p. 251). Não existimos de forma isolada ou encapsulada em uma interioridade psíquica. Desde sempre habitamos um mundo partilhado, carregado de sentido,

atravessado por afetos, gestos e possibilidades. A existência humana, portanto, não é objeto de análise externa, mas um fenômeno que só pode ser compreendido em sua imersão, vivida, situada, temporal (MOREIRA, 2003). A *cura* (*Sorge*) aparece como estrutura ontológica fundamental que articula o ser-com, o ser-junto-a e o ser-em.

A compreensão, nesse contexto, não é um ato intelectual, mas uma forma de ser. “O sentido é a perspectiva em função da qual se estrutura o projeto pela posição prévia, visão prévia e concepção prévia. É a partir dela que algo se torna compreensível como algo” (HEIDEGGER, 1988, p. 208). Assim, compreender é existir.

O ser humano é um ser que projeta, que já está lançado à frente de si, em sua própria possibilidade. Ao mesmo tempo, é finito. O futuro, para Heidegger, não é um tempo que virá, mas a dimensão originária do poder-ser. É o futuro que estrutura a existência como projeto e como angústia. Como afirma o autor: “a angústia revela ao ser o poder-ser mais próprio [...] enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é” (HEIDEGGER, 1988, p. 252).

Esse poder-ser mais próprio se revela quando o ser-aí se afasta das formas impessoais da cotidianidade e se aproxima de si mesmo. É a experiência da existência autêntica, que se contrapõe ao modo impessoal do cotidiano, em que “todo mundo é outro e ninguém é si próprio” (HEIDEGGER, 1988, p. 181).

Essa ontologia propõe uma nova forma de compreender a experiência humana. Ao recusar a aplicação dos métodos das ciências naturais ao estudo do homem, Heidegger afirma a necessidade de compreender a existência em sua singularidade situada, como fenômeno que se dá sempre em contextos históricos, sociais e afetivos.

A partir dessa virada, diversos pensadores retomam a fenomenologia para pensar a existência em sua concretude: no corpo, na linguagem, no sofrimento e no encontro. A fenomenologia existencial, como se verá a seguir, amplia esse horizonte ao trazer à tona a dimensão relacional do existir. O mundo não se revela apenas à consciência, mas na e pela relação. É no entre — no diálogo, na escuta, na presença — que o ser humano se dá a conhecer e se constitui como tal.

### **1.3 Fenomenologia Existencial: O Ser em relação**

A fenomenologia, inaugurada por Husserl, forneceu as bases para uma revolução na compreensão do humano ao priorizar a experiência vivida em detrimento de explicações

reducionistas. Constitui-se como uma das maiores contribuições filosóficas para a Psicologia, em especial para as psicoterapias de orientação fenomenológico-existencial (LIMA, 2008, p.

Retomada e ampliada por diversos pensadores no século XX, a fenomenologia encontrou no existencialismo e no humanismo caminhos férteis para aprofundar sua proposta de retorno ao vivido. Segundo AmatuZZi (2009, p. 96):

no interior do movimento fenomenológico, vários outros aspectos ou setores da experiência foram sendo abordados. Heidegger (1995) voltou-se para o esclarecimento do ser e da existência; Scheler (1994) abordou os valores; Merleau-Ponty (1942/1972), o comportamento humano; Jaspers (1913/1979) inovou a visão da psicopatologia; Buber (1977), embora não fizesse parte do grupo original, descreveu fenomenologicamente o encontro humano.

É nesse horizonte que surgem práticas clínicas como a Análise Existencial de Heidegger, a Daseinsanalyse proposta por Ludwig Binswanger e aprofundada por Medard Boss, além da Gestalt-terapia — abordagens que compreendem a existência como fundamento primeiro e reconhecem o sofrimento psíquico como expressão singular de um modo de estar no mundo. O sujeito não é reduzido a categorias diagnósticas, mas acolhido em sua inteireza, com um olhar atento e presente para o fenômeno que se revela na relação, sustentando a escuta da experiência em sua complexidade e profundidade.

A fenomenologia existencial emerge como uma corrente filosófica que busca compreender a existência humana em sua concretude, voltando seu olhar para o modo como o ser humano vive, sofre, ama, escolhe e se relaciona com e no mundo. A existência passa a ser entendida como uma experiência encarnada, afetiva e relacional, atravessada por tempo, espaço e história. Segundo a Professora Dra. Monica Alvim, <sup>1</sup>“O pensamento da fenomenologia existencial propõe não uma subjetividade, mas uma intersubjetividade”. O sujeito não é mais visto como uma consciência isolada, mas como um ser situado — um ser-no-mundo, afetando e sendo afetado por ele mutualmente. Segundo Lima (2008, p.31)

Com a chegada da Fenomenologia existencial, o homem é visto na realidade de sua existência (com suas crenças e valores), cuja consciência é influenciada pelo mundo que o cerca (em constante mudança), deixando de ser algo que existe por si só. Já não é a consciência do homem que constitui o mundo, mas é o homem e o mundo, numa dialética, que se constituem um ao outro.

Esse olhar nos aponta que viver é também tocar e ser tocado — não apenas fisicamente, mas existencialmente. Ela nos convida a abandonar a ideia de um sujeito isolado para reconhecer que a existência é sempre atravessada pela presença do outro. Não nos constituímos sozinhos: é na relação que a experiência ganha sentido, e é no encontro com o outro no mundo

---

<sup>1</sup> Frase retirada do slide dado na aula: Fenomenologia, Existencialismo e Humanismo.

que nos descobrimos, nos transformamos, nos movimentamos, nos desenvolvemos e nos estruturamos. “Existir é coexistir” (Augras, 1986, p. 12).

Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 18):

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha.

A presença do outro não é acessória, mas constitutiva do modo como experienciamos o mundo. É nesse horizonte que a relação ganha centralidade: somos no entre, na abertura, na escuta, no toque e na palavra. O fenômeno da existência só pode ser compreendido quando se considera a presença do outro como presença fundante. Como afirma Forghieri (2007, p.93-94):

Desenvolvemo-nos mediante nossas vivências com a natureza e com outras pessoas, vivências que podem ser imediatas ou racionais, agradáveis ou desagradáveis, com as quais podemos nos sintonizar, atribuindo-lhes significados, assim como podemos delas nos esquivar, distorcendo-as ou negando-lhes significados. (...) Nós nos tornamos quem somos a partir de nossas vivências no mundo, e estas, por sua vez, são influenciadas pelo indivíduo que vamos nos tornando.

Outros dois importantes pensadores que ampliaram a fenomenologia para a compreensão da existência são Maurice Merleau-Ponty e Martin Buber. Cada um, a seu modo, traz uma contribuição essencial para pensar o ser humano como um ser que se constitui na relação: com o corpo, com o mundo e com o outro.

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) é um filósofo francês, estudou filosofia na escola Normal Superior, foi professor de filosofia nas Universidade de Lyon, na Sorbonne e a partir de 1952 começa a lecionar no Collège de France. Conviveu com importantes nomes da filosofia como Claude Lévi-Strauss, Jean Hypolite, Simone de Beauvoir, Simone Weil e Jean Paul Sartre, com quem foi co-editor da revista *Les Temps Moderns* e parceiro no movimento fenomenológico-existencial.

Suas obras foram fundamentais para a filosofia do século XX, destacando-se as principais “A estrutura do comportamento” e “Fenomenologia da percepção”. Seu interesse foi além da filosofia e caminhou por exemplo, pelas artes, política, linguagem, psicologia, história e sociologia. (COELHO JR; DO CARMO, 1991).

Merleau-Ponty propõe uma filosofia que rompe com os dualismos tradicionais, como corpo e mente, sujeito e mundo, ao compreender a existência como uma configuração viva e

em constante movimento. Para ele, é na experiência do ser-no-mundo que o sentido se origina uma experiência encarnada, sensível e situada. Sua fenomenologia se afasta tanto da abstração intelectualista quanto do empirismo reducionista, buscando caminhos que acolham a complexidade da vivência humana em sua totalidade. Ao recolocar as essências na existência, Merleau-Ponty nos convida a perceber o humano como presença que se constrói na relação com o mundo, de forma dinâmica, reversível e aberta. (ALVIM, 2018).

A condição fundamental da experiência para Merleau-Ponty é o corpo. Ele é o nosso modo de acesso ao mundo, o lugar onde tudo se revela. Onde o sentido se dá. A percepção, nesse sentido, não é uma função da mente sobre o corpo, mas um acontecimento corporal. “O corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999 p.203)

Merleau-Ponty também nos oferece uma profunda reflexão sobre a linguagem e a expressão. Ele distingue dois modos de falar: a fala falante e a fala falada. A fala falante é aquela em que o sentido está em estado nascente, ainda sendo gestado no corpo, surgindo como gesto inaugural de presença no mundo. Já a fala falada é repetição de formas já constituídas, uma linguagem sedimentada. Na clínica, é com a fala falante que mais frequentemente nos encontramos: aquela que hesita, que busca nomear o indizível, que se expressa também nos silêncios, nos gestos, na respiração. Como afirma Alvim (2018, p.159), “a fala é considerada uma modalidade gestual de expressão humana, que faz a significação existir como coisa.”

Martin Buber (1878-1965), nascido em Viena, foi um filósofo, escritor e pedagogo, austríaco, naturalizado israelense. Estudou filosofia em Zurich e Leipzig, que o levou a leitura de Immanuel Kant, Soren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche. Foi professor da Universidade de Frankfurt onde atuou com História da Religião e Ética Judaica, e da Universidade Hebraica de Jerusalém, onde ministrou antropologia e sociologia. Representou um papel muito importante no início do século XX, demonstrando atitudes de enorme compreensão à liberdade interior e uma grande fé no humano (Zuben, 2012). Em suas obras, é possível perceber a aplicação do paradigma dialógico à educação em *Sobre a Educação* (1926), na política em *Caminhos da Utopia* (1946) e na psicoterapia *O Caminho do Homem* (1948).

Buber (2012), em sua renomada obra *Eu e Tu*, propõe uma reviravolta na compreensão da existência: não somos indivíduos autônomos, mas seres constituídos na relação. Através das palavras princípio: Eu-Tu (encontro autêntico) e Eu-Isso (relação utilitária), o filósofo demonstra que o diálogo transcende o mero intercâmbio verbal, transformando-se no próprio

alicerce do que ele denomina "espaço inter-humano" - dimensão onde a existência de fato se realiza.

A fenomenologia existencial, ao compreender o ser humano como um ser-de-relação, lança luz sobre a importância dos encontros como fundamento da existência. Em Merleau-Ponty, a corporeidade revela-se como abertura sensível ao mundo e ao outro; em Buber, o vínculo Eu-Tu, constitui o espaço onde o Ser pode emergir. Por esse olhar, entende-se que escutar, tocar, afetar e ser afetado não são meros acidentes do existir, mas modos fundamentais de habitar o mundo e de nele nos revelarmos.

A saber dessa importância, é significativo contextualizar o momento atual: a contemporaneidade que paradoxalmente hiperconecta por meio de dispositivos digitais se esvazia das experiências relacionais autênticas. Como aponta Byung-Chul Han (2022), vivemos a *expulsão do outro* em meio a uma saturação de conexões vazias. Uma crise que atinge o cerne da condição humana tal como descrita pela fenomenologia existencial. Antes de explorarmos, as possibilidades terapêuticas do diálogo e da escuta, faz-se necessário delinear os contornos dessa crise relacional, tarefa a que nos dedicaremos no próximo capítulo.

## 2 A EXPULSÃO DO OUTRO E A ESCUTA COMO POSSIBILIDADE

### 2.1 A Expulsão do Outro: A Crise da Relação

A tradição fenomenológica-existencial compreende o ser humano como um ser-de-relação, um ser-em-acontecimento, cuja identidade se dá no encontro, no diálogo, na abertura ao outro. No entanto, vivemos hoje um tempo marcado por uma estranha contradição: quanto mais conectados estamos pelas redes, menos somos capazes de escutar, acolher e ser afetados pela alteridade. Tornando desafiador o com-viver.

Em *A expulsão do outro*, Byung-Chul Han (2022) diagnostica o adoecimento da vida relacional na contemporaneidade. O filósofo sul-coreano descreve um tempo de hipervisibilidade e desempenho, no qual a alteridade é evitada porque fere, atrasa ou desafia. O outro, antes portador de mistério, diferença e possibilidade de transformação, é agora substituído pelo igual: previsível, editável, domesticado. “Um sistema que rejeita a negatividade do outro desenvolve traços autodestrutivos” (HAN, 2022, p. 8).

Na cultura da transparência e da positividade, vivemos um paradoxo: tudo parece próximo — acessível, visível, disponível — mas a proximidade real, aquela que demanda escuta, demora, hospitalidade, desaparece. “Tudo é igualmente próximo e igualmente distante” (HAN, 2022, p. 16). A comunicação se torna emissão de dados, e não encontro de subjetividades. “Não escutamos mais a voz do outro no murmúrio digital do igual” (HAN, 2022, p. 91).

A lógica neoliberal promove um deslocamento do sofrimento: ele deixa de ser compreendido em sua dimensão relacional e social, tornando-se um fracasso individual. A dor do outro não nos convoca mais; ela é repelida como falha ou incômodo. Assim, o sofrimento se silencia, se privatiza, se invisibiliza, e o sujeito adocece, não apenas de exaustão, mas de ausência de vínculo. De uma precariedade relacional.

Em resposta a essa cultura do desempenho e da expulsão, Han propõe o retorno à escuta. Não como técnica, mas como postura de mundo. Escutar é acolher o outro sem invadi-lo, é sustentar sua presença sem demandar imediata identificação. A escuta é, nas palavras do autor, uma forma de cura, porque “adota uma postura de hospitalidade” (HAN, 2022, p. 93), uma entrega que esvazia o eu para abrir espaço ao outro.

A escuta, nesse cenário, emerge como gesto político, ético e ontológico. Ela é um antídoto contra a autodestruição, uma possibilidade de reencontro com a diferença, com aquilo que nos ultrapassa e, por isso mesmo, nos transforma.

## 2.2 A escuta como resposta ética e humanizadora

Diante da lógica da expulsão do outro, como diagnosticada por Byung-Chul Han, a escuta emerge como gesto de cuidado e presença e possibilidade de reconstrução do laço humano. Se o outro foi silenciado, apagado, instrumentalizado, escutar torna-se uma forma de presença, de resistência e de cuidado. Escutar não é apenas ouvir. É um ato deliberado, uma escolha de estar com.

Partimos do princípio de que escutar é diferente de ouvir. Por isso, pode ser compreendida como uma habilidade que se desenvolve, se aprimora e se refina. Embora as duas palavras tenham origem no latim, elas expressam sentidos distintos. Ouvir vem de *audire*, e refere-se à capacidade biológica de captar sons. Um fenômeno sensorial, automático. Já escutar deriva de *auscultare*, de onde vem também o verbo “auscultar”: é o ato de prestar atenção com inteireza, com o corpo todo, com presença e escolha. Escutar é mais do que perceber sons. É uma escolha atenta e ativa de estar disponível para acolher o que chega do outro. Como afirmam Dunker e Thebas (2019, p. 25), “escutar com qualidade é algo que se aprende. Depende de alguma técnica e exercícios, mas também e principalmente, de abertura e experimentação.”

Martin Buber, (2009), compreende que o diálogo autêntico é aquele em que há reciprocidade entre os interlocutores. Distingue assim, os processos monológico e dialógico, cruciais para a compreensão do “entre”, com o conceito de inter-humano. Sendo no “entre” o lugar onde o encontro ocorre.

Sem escuta, não há diálogo, apenas monólogos paralelos. A escuta é uma condição prévia para o diálogo, essencial para a construção do conhecimento e para a transformação social. (BOHM, 2005). Rubem Alves (1999, p. 65), em sua crônica Escutatória descreve que não é qualquer escuta que promove esse diálogo: “Escutar é complicado e sutil.”

Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma. [...]A gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor... Sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. (Rubem Alves, 1999, p. 67).

O pensamento de Han (2022) aprofunda esse desafio contemporâneo ao revelar que, na era digital, o excesso de comunicação não favorece o encontro, mas o dissolve. Em vez de nos aproximar, a hiperconexão nos distancia. A escuta é substituída por notificações, respostas

automáticas e performances de si. A comunicação se torna “descorporalizada”, e a proximidade verdadeira cede lugar a uma ausência de distâncias que não gera vínculo. AmatuZZi (2016, p.40), ao trazer de Buber o conceito de palavreado diz que “uma situação que exemplifica o palavreado é a de pessoas que mesmo estando juntas e falando muito, não se escutam.” E continua:

Quando as pessoas estão apenas preocupadas em falar e não escutam, quando estão, portanto, somente ocupadas consigo mesmas, por mais inteligentes que possam ser seus discursos, não há propriamente diálogo, mas só palavreado. Mas este não é suficiente para atualizar o ser do homem.

Segundo Han, a escuta exige uma disposição à passividade, algo profundamente rejeitado pela sociedade do desempenho. Escutar é esvaziar o eu para acolher o outro em sua alteridade, sem reduzi-lo a projeções ou respostas apressadas. “Eu tenho, primeiramente, que dar boas-vindas ao outro; ou seja, afirmar o outro em sua alteridade. Então eu o presenteio com a escuta.” (HAN, 2022, p. 123). Nessa direção, escutar torna-se uma abertura à alteridade radical, e não apenas uma tolerância instrumental do outro.

Escutar é sustentar o encontro no presente. Uma das maiores dificuldades da escuta está justamente em permanecer na postura de receber o outro: não se evadir, não cair na tentação de controlar ou conduzir, de não deixar que o outro se expresse livremente. Como alertam Dunker e Thebas (2019), naufragamos facilmente em atitudes que nos fazem parar de escutar: sair do encontro, exercer poder sobre o outro, obedecer às expectativas, defender a própria imagem. Em um mundo marcado pela indiferença, pela polarização e pelo culto ao eu, vivemos o fenômeno da “desescutação”: uma escuta seletiva, colonizadora, que escuta o outro a partir da própria posição, valores e interesses.

A escuta genuína cria espaço para o outro acontecer. AmatuZZi (2016, p.40) afirma que ““falar-para” e não só “diante-de”, aliado ao escutar realmente e não apenas receber sons, é que cria o contato direto em que os mundos interiores das pessoas se comunicam. É somente por esse meio que eles podem manifestar-se darem-se a conhecer.” Rogers (1980, p. 8), por sua vez, diz que escutar com empatia é escutar “as palavras, os pensamentos, a tonalidade dos sentimentos, o significado pessoal, até mesmo o significado que subjaz às intenções conscientes do interlocutor”.

A escuta é, portanto, uma experiência de abertura ao outro e de aprofundamento de si. Como expressa Horta (2024, p. 141), “o diálogo é composto de fala e escuta. E está estruturado sobre um tripé: o assunto (o conteúdo da fala), a escuta do outro e a escuta de si mesmo.” Nesse

processo, escutar é também deixar-se tocar, permitir que o outro nos modifique, nos convoque, nos ressoe.

Para Buber (2009), é na relação vivida que se encontra o ser. Para Rogers (1980), ouvir realmente é fazer contato com o mundo da pessoa e isso enriquece a vida. Amatuzzi (1990, p. 88) sintetiza: “ouvir vem antes do falar. (...) É o ouvir que nos abre para o mundo e para os outros, e não o falar.”

Marcondes (2022, p. 63) também reconhece a potência política e transformadora da escuta: “o diálogo é também escuta ativa e atenta, é construção de confiança entre os sujeitos, de fé nos seres humanos capazes de transformação do mundo e da superação das relações de opressão.”

A escuta é, assim, um espaço de encontro e um ato de humanização. Ela é uma atitude sensível e comprometida. Escutar é se abrir ao outro com disponibilidade, aceitação e presença. Escuta como ato, ação fortalecedora de coexistência. É estar com. É ser lugar para que o outro seja.

O pensamento de Byung Chul-Han ecoa como um chamado neste tempo em que muito se diz, mas pouco se escuta. Vivemos imersos em uma avalanche de palavras, imagens e dados que, ao invés de promoverem encontros, nos afastam em silêncios sobrecarregados de ruídos. A escuta - aquela que exige demora, presença e esvaziamento do eu - tornou-se uma ausência sentida. Como afirma Han (2022), “a voz do outro foi suprimida”, e o que se ouve é “uma barulheira derivada de um excesso de informação” (p. 90–93). A hiper comunicação dissolve a possibilidade da escuta verdadeira, pois tudo se torna emissão, e não recepção. Quando tudo é transparente e imediato, já não há espaço para o mistério, para o espanto, nem para a espera. Escutar, hoje, é um ato contra a pressa. É resistência amorosa diante do apagamento da alteridade.

Para além do contexto sociocultural, há uma dimensão ainda mais íntima e radical onde a escuta se faz essencial: o espaço da clínica psicoterápica. Para o exercício dessa clínica, coerente com a postura de escuta delineada até aqui, compreende-se que a fenomenologia oferece o caminho para sustentar essa proposta. É nesse território de afetos, silêncios e presença que a escuta fenomenológica se apresenta como um modo de habitar o encontro e de sustentar a abertura do ser.

Na era da hiperconectividade, onde as interações digitais são constantes, emerge um paradoxo inquietante: a solidão se intensifica. A Organização Mundial da Saúde reconheceu recentemente a solidão e o isolamento social como prioridades globais de saúde pública, estabelecendo uma comissão dedicada a abordar esses desafios (WHO, 2023). Estudos revelam que a solidão está associada a um aumento significativo no risco de demência e doenças cardiovasculares (RR, 2023). Esse cenário reflete as análises de Byung-Chul Han sobre a sociedade do desempenho, onde a superficialidade das conexões digitais não supre a necessidade humana de vínculos profundos e autênticos. Assim, a escuta terapêutica emerge como um espaço de resistência, promovendo encontros genuínos em meio à efemeridade das relações contemporâneas.

A seguir, exploraremos como essa escuta, enraizada na atitude fenomenológica, pode favorecer um resgate existencial - um retorno a si mesmo - à possibilidade de tornar-se, no acolhimento da experiência vivida

### **3 A ESCUTA FENOMENOLÓGICA NA CLÍNICA: SER PARA O RESGATE DO SER**

#### **3.1 A escuta como desvelamento do ser**

“Quando você me escuta, eu existo.” Essa frase foi dita por um paciente durante um atendimento clínico, em meados da pandemia de 2020. Ela me atravessou com a força de uma revelação. Em meio ao silêncio do isolamento, à solidão compartilhada do mundo, aquela fala emergiu com densidade ontológica: ser escutado é, de algum modo, passar a existir. Essa experiência me marcou profundamente, não apenas como psicoterapeuta, mas como alguém que estuda e busca compreender os sentidos da escuta.

Nesse instante, algo se desvelou: a escuta como condição de aparecimento do outro. Um espaço onde se pode ser e se perceber sendo. Um acontecimento de presença que acolhe e sustenta o vir-a-ser de quem se revela. Como se escutar fosse um modo de fazer o outro caber no mundo, de lhe oferecer um lugar para existir em sua singularidade, tanto no plano subjetivo quanto no laço com o social.

A frase do paciente não surgiu no vazio. Ela emergiu de um contexto relacional marcado por dificuldades em se vincular, em aprofundar-se nas relações, em sustentar a presença diante do outro. Um mal-estar que se tornou recorrente na clínica contemporânea. Vivemos uma era saturada de conexões digitais, mas carente de encontros autênticos. Um tempo de exposição extrema e de invisibilidade afetiva. Um excesso e paradoxalmente uma desconexão de si. Byung-Chul Han (2022, p. 7) afirma com precisão: “O tempo no qual havia o outro passou.” E completa: “A expulsão do outro põe em curso um processo de destruição inteiramente diferente; a saber, a autodestruição” (HAN, 2022, p. 8).

No ritmo apressado do cotidiano, aquilo que sustenta nossa existência pode ir se apagando, quase imperceptivelmente. São os vínculos, os valores e os sentidos que, mesmo silenciosos como raízes escondidas, nos mantêm de pé no mundo. A busca por sentido é parte constitutiva do ser humano. Quando nos afastamos de nós mesmos, quando deixamos de escutar o que pulsa dentro, algo se desloca. O contato com a própria experiência fica enfraquecido e distante. Nesse distanciamento pode emergir o chamado vazio existencial. Um território de desamparo e fragmentação de si, que, muitas vezes, se anuncia por meio do sofrimento: depressão, ansiedade, crises de pânico, fobias. Sintomas que não apenas doem, mas que denunciam a perda de sentido que nos sustenta.

No cenário da escuta clínica, essa desconexão e fragmentação podem ser revertidas. Escutar se torna, então, um gesto de resgate: um modo de devolver ao outro seu direito de existir, de ser reconhecido, de ser afetado e de afetar. Escutar é, neste sentido, uma experiência ética e existencial. É ali, na suspensão dos ruídos, no acolhimento silencioso, que a existência do outro pode finalmente fazer-se voz, corpo, sentido.

### **3.2 A escuta fenomenológica na psicoterapia: Ser para o outro Ser**

A clínica, sob a perspectiva fenomenológica, é menos um lugar de análise e mais um espaço de presença. Ali, o psicoterapeuta não é um técnico que interpreta ou diagnostica a partir de um saber externo, mas alguém que se oferece como testemunha sensível do aparecimento do outro. O que se busca não é ajustar o paciente a um modelo, mas acompanhá-lo em seu desvelar. Escutar, aqui, é tornar-se espaço. O diálogo e a escuta, são, na fenomenologia o caminho de se conhecer o ser. (Horta, 2024).

Nessa abordagem, escutar não se reduz à captação da fala ou à organização de significados. Trata-se de sustentar uma atitude que acolhe o que se manifesta como fenômeno, tal como aparece no corpo e na linguagem do outro, por vezes frágil, por vezes incompleto, mas sempre cheio de sentido, um gesto anterior à linguagem, uma disposição relacional que emerge antes mesmo da palavra, sustentando o encontro e o sentido. (Amatuzzi 1990, p. 96)

Essa escuta se constrói a partir de um gesto de perguntar, não no sentido de buscar respostas imediatas, mas como modo de chamar à presença o que ainda está velado. “Quando perguntamos, chamamos por algo; damos-los voz: tornamos-los existência imanente”. (Botelho, 2020, p. 25). O psicoterapeuta, então, sustenta não apenas um espaço físico, mas uma atitude: escutar como quem oferece abrigo ao que ainda não teve nome.

A psicoterapia fenomenológica é espaço de habitação do sentido. Não se trata de nomear o que o outro vive, mas de sustentar um campo onde sua experiência possa emergir e se dizer. Segundo Botelho, “a clínica aparece como o lugar de retorno a uma morada própria, como possibilidade de acontecimento da existência em sua singularidade e tempo próprios” (Botelho, 2020, p. 4). A escuta, nesse contexto, é uma forma de acolher o que ainda não foi simbolizado, uma forma de estar junto no acontecimento do ser.

Esse diálogo se apoia na atitude fenomenológica, aquela que Husserl propôs como suspensão (epoché) da atitude natural. No campo clínico, essa suspensão se traduz na renúncia a interpretar apressadamente, diagnosticar ou controlar o sentido. O psicoterapeuta escuta com todos os sentidos, atento ao que se mostra e ao que silencia. Como afirma Claudia Lins Cardoso

(2023, p.1), essa escuta requer do psicoterapeuta uma postura “cuidadosa, instigante, esclarecedora e descontaminada”.

É uma escuta que se deixa afetar e que espera. Como diz Horta (2024), “cada pessoa se desvela como pode, no seu tempo, na sua singularidade. Jamais no tempo do terapeuta” (p. 144). Que então, se torna-se alguém que sustenta a travessia, mesmo sem garantias. Escutar, assim, é acompanhar no ritmo do outro, mesmo quando o caminho é incerto.

O encontro, nesta perspectiva clínica, não é instrumental. Ele é vivido como coabitação de sentidos, entrelaçamento de histórias, reconhecimento da alteridade. Escutar é também ser escutado pela experiência do outro. Como descreve Horta (2024), “fazer terapia é tecer, a dois, com o fio das palavras, um caminho em direção ao outro mundo do paciente, o mundo interior. É o diálogo em acontecimento” (p. 148). Partindo de uma intencionalidade a busca de cuidar do outro que ali se apresenta.

Essa escuta não se limita à superfície da fala, nem se restringe ao uso isolado dos ouvidos. Ela se faz com o corpo todo, no entrelaçamento dos sentidos, no silêncio partilhado, na presença que acolhe o que ainda não se disse.

o terapeuta está implicado como partícipe da cena e da narrativa, sendo um outro corpo capaz de encontrar-se com o cliente nessa dimensão sensível e pré-reflexiva originária, onde sentidos se fazem e se refazem a partir do diálogo. Como aponta (ALVIM, 2018, p.168)

Assim, escutar é estar com o outro em um campo de presença encarnada, como quem se alinha à sua paisagem interna sem invadi-la.

Dessa perspectiva, ser presença é tornar-se espaço onde algo pode emergir, sem pressa, sem moldura. Como afirma Saleth Horta (2024), “a escuta é a presença que sustenta. É o estar inteiro com, mesmo quando o outro não sabe o que dizer” (p. 143). Muitas vezes, é esse estar silencioso, mas plenamente entregue, que permite ao outro ousar dizer o que ainda não tinha forma. Escutar é dar lugar ao inacabado.

Ao terapeuta, para escutar nessa proposta é preciso uma postura de porosidade. Não como vulnerabilidade indefesa, mas como disponibilidade afetiva. Escutar é um gesto que se dá antes das palavras”, onde os mundos se comunicam por vias não lineares. É nessa atenção radical que o outro pode se reconhecer como alguém digno de atenção, alguém que importa.

Para Han (2022), o escutar pode ser curativo, pois “o escutador convida o outro a falar, liberta-o em sua alteridade. [...]é um espaço de ressonância no qual o outro fala livremente.”

(p.124) O paciente segundo Horta (2024), “precisa falar a si mesmo, para se escutar”, ao se escutar, se encontra, se desvela, se revela e ressignifica.

Estar presente, não é apenas estar diante, é estar dentro do acontecimento do encontro. Nas palavras de Alvim, “compreendo o gesto fenomenológico no diálogo clínico como vivência pática e intercorporal [...] é nesse movimento hiperdialético co-produzido, em co-presença, que co-criamos sentidos, narrativas, subjetividades, refazemos existências e mundo” (Alvim, 2018, p. 183).

No contexto contemporâneo, marcado pela velocidade, pela visibilidade e pela saturação de estímulos, escutar tornou-se uma forma de resistência. Byung-Chul Han (2022) alerta que vivemos uma crise de presença, na qual a lógica da produtividade e da performance substitui o tempo da relação. A escuta se esvazia quando não há mais espaço para a demora, para o afeto, para a espera.

A clínica, nesse cenário, é uma espécie de contra-ritmo. Ela acolhe o que a sociedade rejeita: a lentidão, a opacidade, o não saber. Escutar, ali, é contrariar a lógica da resposta imediata. É cultivar um tempo outro, um tempo que se afina com o que pulsa e hesita no ser. É esperar nascer o ser inesperado. Rehfeld (apud Cardoso, 2013, p.73) diz: “Se não souberes esperar, não encontrarás o inesperado. O inesperado presenteia quem sabe esperar. Somente quem sabe esperar acolhe. Quem não sabe esperar se des-espera.”

A clínica torna-se, assim, espaço de acolhimento sensível por excelência: não um lugar de correção, mas de coexistência. Um espaço onde a diferença é recebida sem julgamento, onde a singularidade é acolhida sem contornos, onde o silêncio é respeitado como tempo de elaboração. Escutar é, portanto, um ato político no sentido mais profundo, porque afirmar a existência do outro tal como é, é também resistir à normatização e ao apagamento.

Como nos lembra Saleth Horta (2024), “a escuta permite que o sujeito seja visto em sua inteireza, e não apenas em seus sintomas ou falhas” (p. 145). E como afirma Amatuzzi (1990), é o escutar que inaugura a possibilidade de encontro e que sustenta a transformação que pode acontecer no vínculo. É papel do psicoterapeuta promover com o paciente, pela escuta, o diálogo gerador do encontro com seu mundo interior, dando-se a conhecer com a profundidade possível.

A escuta fenomenológica exige posturas clínicas que não se ensinam apenas com técnica, mas com presença viva. Como aponta Saleth Horta (2024), escutar requer serenidade,

paciência e coragem para sustentar o silêncio e não invadir a dor do outro. É um exercício contínuo de renúncia ao saber pronto, de entrega à incerteza e de aceitação do tempo do outro.

Claudia Lins Cardoso (2023) também sublinha a importância de uma escuta cuidadosa e desarmada — livre de julgamentos, expectativas e diagnósticos prévios. O terapeuta, nesse campo, é alguém que aguenta não saber, que caminha ao lado, sem conduzir. Alguém que sustenta a cena com a inteireza do corpo e com a delicadeza de quem sabe que, às vezes, o silêncio é tudo o que pode ser oferecido.

Essas posturas: escuta atenta, presença, acolhimento da diferença, respeito ao tempo subjetivo, transformam o espaço clínico em solo fértil para que o outro se ouça, se refaça e, quem sabe, reencontre sentido.

Fica clara, então, a necessidade de uma escuta atenta e cuidadosa, despida, o mais possível, de preconceitos e julgamentos: a escuta fenomenológica. Um processo que se inicia e se estabelece a partir do primeiro olhar. O olhar curioso e encantado de um psicoterapeuta. E, então, configura-se um encontro e a possibilidade de resgate da condição saudável de ser no mundo. Fazer terapia é tecer, a dois, com o fio das palavras, um caminho em direção ao outro mundo do paciente, o mundo interior. É o diálogo em acontecimento. (HORTA, 2024, p. 148)

Nesse movimento, escutar é acompanhar o fenômeno do outro em sua aparição singular. A clínica não busca interpretar ou rotular, mas sustentar a manifestação de quem se revela lentamente, em sua profundidade. Como escreve Jorge Ponciano Ribeiro:

Quando dizemos fenômeno, podemos dizer que o homem em si é um fenômeno, sem dúvida o mais complexo, naquele em que o manifestar-se da consciência percorre caminhos de difícil acesso, pois o fenômeno homem se revela lentamente. Quanto mais ele se desnuda, mais ele vem, se aproxima de uma determinada luz, mais ele está em contato com sua realidade, com sua essência. [...] O processo psicoterapêutico deverá pensar no consumo da essência humana, levando o homem à sua real humanização, ou seja, à sua humanização no mundo. (Ribeiro, 2007, p. 46)

Na escuta, está o germe da confiança. E talvez seja disso que mais precisemos: de espaços onde possamos existir diante de alguém que nos escuta com verdade, com pausa, com presença. Escutar, afinal, é uma das formas mais profundas de amar. Como bem descreve Rubem Alves (1999, p. 73),

“a gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina. Não aprendi isso nos livros. Aprendi prestando atenção.”

A escuta fenomenológica não acontece apenas por meio da audição ou da linguagem verbal. Ela se desenrola no campo do diálogo sensível, onde o outro não é objeto a ser interpretado, mas presença com quem se partilha o mundo. Como propõe Merleau-Ponty, “todo

outro é um outro eu mesmo”, e é nesse campo de intercorporeidade que o diálogo se funda, não como troca de mensagens, mas como acontecimento da presença (ALVIM, 2018, p. 173).

Esse encontro, para Buber, constitui o próprio alicerce da existência: “Eu não experiencio o homem a quem digo TU. Eu entro em relação com ele no santuário da palavra-princípio” (BUBER, 2001, p. 55). A relação Eu-Tu, sempre vivida no presente, é o que possibilita o reconhecimento do outro como outro, e de si mesmo como alguém em relação. De acordo com AmatuZZi: “É só no dinamismo dessa sequência, que me encontro em ato comigo mesmo, que estou sendo e também me conhecendo e esse processo é indissociável do ser do outro e do ser da comunidade.” (2016, p.42). Essa relação, onde de fato o diálogo ocorre, humaniza.

Cardoso (2013), retoma Heidegger (1981), e distingue dois modos de cuidar: um que assume as escolhas pelo outro, orientando, conduzindo e se ocupando do que se espera que ele alcance; e outro, mais sutil e potente, que se volta para o outro com a intenção de ajudá-lo a se reconhecer e a realizar suas próprias escolhas. Neste segundo modo, o cuidado desloca o foco do resultado para a relação, para a forma como se está com o outro no mundo. É essa a atitude que interessa à clínica fenomenológico-existencial: um cuidado que sustenta, que não se antecipa, que respeita o tempo e o caminho do outro, mesmo quando esse caminho ainda é hesitação.

Na escuta clínica fenomenológica, não há neutralidade. Há implicação. O psicoterapeuta não está fora da experiência do outro, mas dentro do campo compartilhado, afetado e responsivo. Nesse contexto, escutar, é um gesto de cuidado e presença. É escolher não dominar, não corrigir, não antecipar. É confiar no tempo da relação e na potência que habita o entre. É abertura, disponibilidade de olhar pela primeira vez, a cada encontro. É esperar ativamente o desvelar do ser. Que se revela ao contar sua história. Aparecendo, acontecendo e sendo novas possibilidades de estar no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nasceu da escuta. Não apenas como tema, mas como gesto de investigação. Escutar foi o verbo que sustentou cada linha escrita e cada silêncio que precisou ser respeitado ao desenvolver do percurso. Ao longo destas páginas, percorre-se um caminho que é ao mesmo tempo filosófico, clínico e existencial. A proposta foi compreender a escuta como prática humanizadora no contexto da clínica psicológica, à luz da abordagem fenomenológico-existencial. A escuta, aqui, não foi tratada como técnica, mas como modo de ser, como gesto ético, como abertura radical à presença do outro.

Foi possível perceber, ao revisitarmos a gênese da fenomenologia com Husserl e seu desdobramento na ontologia de Heidegger, no pensamento encarnado de Merleau-Ponty e na filosofia do encontro de Buber, que o ser humano não é um sujeito isolado, mas um ser-em-relação. A existência não é algo que se define por dentro, mas algo que se constrói no entre, na intersubjetividade. Escutar, nesse contexto, é estar com, é coabitar o mundo com o outro e sustentar o que nele se mostra como fenômeno.

Ao debruçar-se sobre a crise das relações humanas na contemporaneidade, tendo como guia o pensamento de Byung-Chul Han. A lógica da performance, o excesso de positividade, a hipercomunicação e o isolamento relacional configuram um cenário de apagamento da alteridade. O outro, muitas vezes, deixa de ser presença e se torna projeção ou ameaça. Diante disso, a escuta se revelou como possibilidade de resistência. Mais do que gesto clínico, escutar tornou-se ato político: cuidar do que ainda resta de humano.

No campo clínico, foi possível reconhecer a escuta como espaço de acolhimento, de presença e de revelação do ser. O psicoterapeuta, nesse contexto, não se coloca como quem sabe, mas como quem sustenta; não conduz, mas acompanha; não interpreta, mas se abre ao fenômeno que emerge. Pautada na fenomenologia-existencial, a escuta torna-se, assim, uma morada sensível para o que ainda não teve nome, ao que hesita, ao que precisa tempo para se dizer. É gesto de cuidado, de confiança, de afeto.

Escutar, como vi ao longo deste percurso, não se aprende por técnica. Se cultiva como atitude. Requer tempo, corpo, silêncio, espera, respiração, presença. Parafraseando Rubem Alves, escutar bonito é amar bonito. Talvez seja isso: amar o outro naquilo que ele ainda não sabe dizer.

Os objetivos desta pesquisa foram percorridos não como etapas, mas como travessias. Revisitamos os fundamentos filosóficos da escuta, refletimos sobre a crise relacional

contemporânea, discutimos a escuta como gesto ético-clínico e vivemos sua potência como acontecimento expressivo na clínica. Escutar se revelou como presença e ausência; como gesto e espera; como corpo e silêncio.

Compreendi, também, que abrir espaços de escuta é oferecer ao outro a possibilidade de se escutar. É nesse campo de presença que o sujeito se encontra com sua voz, com seus sentidos mais íntimos, com caminhos ainda em aberto. Criando condições de encontrar suas próprias respostas, ampliando suas possibilidades de ser-no-mundo. Escutar é solo fértil para o cuidado de si, do outro e das relações. É movimento que favorece o florescimento do humano em sua inteireza. E talvez seja esse o gesto mais potente que um psicoterapeuta pode realizar: ser espaço para que o outro aconteça

Que esta monografia, siga como convite à escuta disponível, que não julga, que sustenta o vir-a-ser. Pois ao escutar genuinamente, algo se transforma, em quem fala, em quem escuta e no mundo.

Este trabalho não se encerra em si. Ele se oferece como travessia, como espaço de pergunta, como movimento de abertura. Ao longo deste estudo, pude perceber a escuta, como abrigo, como morada para que o ser se aconchegue e fale. É dar lugar para que o outro aconteça. E talvez este seja o sentido mais profundo da clínica: ser espaço onde o outro possa, enfim, existir.

Por acreditar no potencial da escuta para desenvolver empatia, compaixão, receber o outro, transformar vidas, relações, instituições, sociedades. É que sigo na pesquisa para além da clínica. Adentro o mestrado profissional em educação, ensino e humanidades, pesquisando a escuta como ato, ação de coexistência. Investigando se a escuta ativa pode ser um recurso para a formação integral do educador na construção de uma educação humanizadora promovendo relações mais empáticas e colaborativas no ambiente social escolar.

Até aqui, pude compreender em minha trajetória acadêmica e profissional que escutar é caminhar junto sem ter que chegar a lugar certo! Fazer da escuta uma experiência é deixar que o outro nos afete, nos chegue, nos atravesse!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. Campinas: Papirus, 1999.

ALVIM, Mônica Botelho. Merleau-Ponty e a Psicologia Clínica. In: ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre; SAFRA, Gilberto; MORETTO, Maria Lúcia Tiellet; et al. (Orgs.). **Psicologia Clínica: da graduação à pós-graduação**. São Paulo: Atheneu, 2018.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista**. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 26, n. 1, p. 93–100, mar. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>. Acessado 02 maio 2025

\_\_\_\_\_, Mauro Martins. **O resgate da fala autêntica na psicoterapia e na educação**. Campinas: Alínea, 2016

\_\_\_\_\_, Mauro Martins. O que é ouvir. *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 86-97, 1990.

AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BELLO, Angela Ales. **Introdução à fenomenologia**. Belo Horizonte: Spes Editora, 2017.

BOHM, David. **Diálogo: Comunicação e redes de convivência**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2005.

BOTELHO, Jeciana das Virgens. **Clínica psicológica como lugar de morada do ser: reflexões a partir da Psicologia Fenomenológico-Existencial**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do Alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. Revista. São Paulo: Centauro, 2012.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. **Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein)**. *Psicologia USP*, v. 26, n. 2, p. 249–258, 2015.

CARDOSO, Claudia Lins. A face existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 65–80.

\_\_\_\_\_, Claudia Lins Apontamentos sobre a utilização do método fenomenológico na psicoterapia. Fenomenologia e prática clínica. In: GIOVANETTI, José Paulo (Org.). **Fenomenologia e Psicologia Clínica**. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2018. p. 33–52.

\_\_\_\_\_, Claudia Lins. A escuta fenomenológica em gestalt-terapia. **Phenomenological Studies-Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 29, n. 1, 2023.

COELHO JÚNIOR, Nelson Ernesto; DO CARMO, Pedro S. **Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência**. São Paulo: Escuta, 1991.

Commission on Social Connection (WHO). **Organização Mundial da Saúde**. Disponível em: <https://www.who.int/groups/commission-on-social-connection>. Acesso em 10 maio 2025.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** Tradução de Maria José de Almeida. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta, 2019

FORGUERI, Yolanda Cintrão. **Aconselhamento terapêutico: origens, fundamentos e prática**. São Paulo: Thomson Learning, 2007

\_\_\_\_\_. **Psicologia Fenomenologica: Fundamentos, Método e Pesquisas**. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1988.

HORTA, Saleth Salles. Da Escuta ao Diálogo: a psicoterapia como possibilidade de resgate das relações. In: CARDOSO, Cláudia Lins; GIOVANETTI, José Paulo; EVANGELISTA, Paulo Eduardo R.A, (Org). **Psicologia Clínica Fenomenológico-existencial: Contribuições à Prática Psicológica**. Belo Horizonte. Ed. Artesã. 2024

LIMA Beatriz Furtado Alguns apontamentos sobre a origem das psicoterapias fenomenológico-existenciais **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, vol. XIV, núm. 1, junho, 2008, pp. 28-38 Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia Goiânia, Brasil. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735510006.pdf>. Acessado 02 maio 2025.

MARCONDES, Ofélia Maria. Paulo Freire: por uma educação amorosa! **Revista Cactácea**, v. 02, n. 04, março de 2022. ISSN 2764-0647. Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Câmpus Registro.

MARTINELLI, Águeda Vieira. As origens do pensamento de Edmund Husserl: do psicologismo à fenomenologia. **PERI – Revista de Filosofia**, Santa Catarina, v. 10, n. 1, p. 36–57, 2018. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/peri/article/view/2021>. Acessado em 02 maio 2025

MARTINS, J.; BOEMER, M. R.; FERRAZ, C. A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 139–147, abr. 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Virgínia Leone Bicudo. De Husserl a Heidegger: o percurso da fenomenologia e sua articulação com a clínica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 19, n. 1, p. 1–8, jan./abr. 2003.

REHFELD, Ari. Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 24–33.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus, 2007.

ROGERS, Carl. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1980.

RR. OMS declara solidão como ameaça premente à saúde global. **Rádio Renascença**, 2023. Disponível em: <https://rr.pt/noticia/mundo/2023/11/16/oms-declara-solidao-como-ameaca-premente-a-saude-global/355483/>. Acesso em: 02 maio 2025.

SCHURIG, Alessandra Cavalcante Scherma; ROCHA, Júlio César de Sá. De Husserl a Heidegger: o fluxo da fenomenologia até a ontologia existencial hermenêutica. **Eleuthería**, Campo Grande, v. 4, n. 6, p. 47–83, jun./nov. 2019.

ZUBEN, Newton Aquiles. Introdução e notas. In: BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Vol. 10. ed. Revista. São Paulo: Centauro, 2012.